
Histórias de Vida e Formação com Egressos de Cursos da Área da Comunicação¹

Juliane MARTINS²

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte da tese de doutorado da autora a partir da busca por compreender a formação acadêmico-profissional de egressos da área da comunicação. Para isso, foi escolhido o método história de vida e formação, efetivado por meio de entrevistas utilizadas como base para a produção de narrativas. Como resultado, destacou-se a importância de uma formação geral no processo ensino–aprendizagem dos cursos, fornecendo uma base de saberes na trajetória pessoal e profissional. Nesse caso, recomenda-se a integração da teoria com a prática nos eixos formativos, estimulando trabalhos em equipe na realização de projetos.

PALAVRAS-CHAVE: área da comunicação; formação acadêmico-profissional; história de vida; egressos; processo ensino–aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A realidade da educação superior brasileira impõe a empregabilidade dos egressos dos cursos, pois, como explicam Mancebo, Vale e Martins (2015), a privatização do ensino e a acomodação do capitalismo brasileiro ocorreram em paralelo, tendo como justificativa o alinhamento com as mudanças contemporâneas ocorridas em termos de reestruturação produtiva a partir da década de 1980.

Os padrões culturais se alteraram, antes o indivíduo se dedicava toda a vida a um cargo, geralmente na mesma empresa. Já um professor sabia do futuro dos seus estudantes, com o que iam trabalhar e quais eram os conhecimentos necessários. Hoje, trabalho não significa emprego, serviços são terceirizados, são desenvolvidos projetos pontuais, aumentou o incentivo ao empreendedorismo, ocasionando incerteza e precarização laborais (RIBEIRO, 2014).

A atuação de um profissional nem sempre corresponde ao seu diploma, o mundo do trabalho exige outros saberes e a aprendizagem ao longo da vida. Essa realidade, entretanto, pode escamotear o projeto de formação do estudante, que precisa contemplar a concepção da educação ofertada na graduação, com seus objetivos, processo ensino–aprendizagem e formas de avaliação.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), especialista em Comunicación Científica pela Universitat Pompeu Fabra (Barcelona-Espanha) e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela PUCPR. Professora do curso de Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná. E-mail: professorajuliane@ufpr.br

O cenário de rupturas no mundo do trabalho, cada vez mais virtualizado em função de aplicativos móveis, inteligência artificial e comércio eletrônico, em especial no contexto atual de pandemia, mudam as relações laborais. Na área da comunicação, *big data*, algoritmos, *fake news* povoam a realidade dos profissionais nos últimos anos, promovendo o enfrentamento à segurança de dados, privacidade, informação de interesse público e ética, por exemplo. Frente a esse cenário, qual é a formação necessária ao egresso?

Ao compreender uma formação que promova o desenvolvimento das diferentes dimensões dos sujeitos, sejam pessoais, sociais e profissionais, entende-se que a aprendizagem não acontece de modo linear, com a necessidade de se incorporar na educação formal abordagens pedagógicas substanciais em vista da complexidade de saberes a que os estudantes estão expostos.

Na educação superior esses saberes precisam ser articulados, nem sempre em função da via formação e mundo do trabalho, pois a atuação da pessoa influencia contextos sociais mais amplos, como de cidadania, ética, justiça e pluralismo de ideias. A proposta é uma formação integral da pessoa para que viva em sociedade e tenha condições de transformá-la.

Os futuros profissionais, egressos de instituições de educação superior (IES), devem ter uma formação que some ao mundo do trabalho, oriente mudanças, trazendo reflexão às práticas, com a ideia de serem mais criativas e inovadoras. A ideia é a da formação de profissionais com capacidade crítico-reflexiva e com responsabilidade social, em que se assume um compromisso diante da sociedade em suas ações.

Egressos que tenham uma base sólida, a partir do aumento do repertório de saberes e experiências desde que são estudantes, fazendo parte de operações cognitivas a serem acionadas futuramente, dependendo do cenário em que se encontrem. A partir da reflexão sobre dada realidade, eles terão condições de aplicar os saberes da formação na área da comunicação em prol do desenvolvimento tanto pessoal quanto social ou, como pode ser entendido a partir de Machado (2016), para realizar projetos individuais e coletivos.

Ao relacionar processo ensino–aprendizagem com acompanhamento de egressos, este artigo traz um recorte da tese de doutorado elaborada pela autora com o objetivo de compreender a formação acadêmico-profissional de egressos da área da comunicação. Na sequência vai ser apresentada a metodologia de pesquisa adotada, alinhada ao propósito de buscar o entendimento sobre o que foi formativo na trajetória desde o ingresso em cursos superiores da área.

METODOLOGIA

A abordagem qualitativa foi escolhida neste estudo, a partir de pesquisa narrativa na modalidade história de vida (CRESWELL, 2014). Como método de pesquisa, a história de vida

começou a ser utilizada pela sociologia no início do século 20. Com o tempo, a área da educação passou a incorporá-la como metodologia e também a incluiu como instrumento de formação, na educação de adultos, avaliação de competências e de aquisições experienciais (JOSSO, 2006).

Para Ferrarotti (2010, p. 50), o método reveste-se de uma ciência verdadeira, entendido por ele como voltado ao particular e ao subjetivo, tendo condições de resultar num conhecimento geral e de ser extrapolado para o coletivo. Explica que para entender o método, é necessário suplantar o modelo científico hegemônico e voltar-se a uma razão dialética, porque só ela “permite alcançar o universal e o geral (a sociedade) a partir do individual e do singular (o homem)”. Perspectiva corroborada por Martino (2018), que trata da unicidade de uma vida, no entanto com potencial de refletir vivências coletivas.

Essa reflexão ajuda a aprofundar a discussão em torno da história de vida como método de investigação e de formação. Nesse sentido, destaca-se sua extrapolação produtiva na área da comunicação, apesar de Martinez (2015) comentar a pouca utilização no campo, provavelmente por se exigir bastante do pesquisador, mas defende seu vínculo com a comunicação. Esse ponto de vista referenda-se em Ferrarotti (2010, p. 46, grifo original), quando afirma que: “as formas e os conteúdos de uma narrativa biográfica variam com o interlocutor. Dependem da interação que serve de campo social à comunicação. Situam-se no quadro de uma reciprocidade relacional”.

Ideia alinhada a Martino (2016), que faz a defesa das narrativas como elemento epistemológico da comunicação, em termos relacionais, cognitivos e afetivos. No ato comunicacional, os participantes compartilham ambientes de reciprocidade, buscam por entendimento e estabelecem vínculos. Assim também numa narrativa quando, de certo modo, é possível vivenciar as experiências daquele que as conta e propiciar empatia.

A narrativa de formação (JOSSO, 2010) é uma fração do que a pessoa experienciou em sua vida, sendo entrecruzada por vivências sociais, profissionais e educativas. É a lembrança, a partir da memória, de algo que aconteceu, mas por ocorrer de modo fragmentado, a escrita da narrativa busca dar sentido.

A vertente história de vida e formação tem como base uma narrativa que foca a formação e as aprendizagens das pessoas. O destaque está no processo reflexivo decorrente da história de vida, seguido de uma narrativa oral e depois uma narrativa escrita. Para Josso (2004, p. 205), “as histórias de vida elaboradas por adultos inscritos num curso universitário abordam a questão do lugar e do sentido dos seus estudos universitários na dinâmica da sua vida”.

Josso (2006, p. 23) explica que um adulto ao entrar na universidade tem projetos pessoais, profissionais ou de vida que direcionam sua formação. Os estudantes esperam que “os saberes e o

saber-fazer [...] encontra[dos] deverão ter sentido e serem eficazes, em sua cotidianidade, de seres humanos, profissionais e cidadãos”.

Com essa perspectiva, é possível compreender como cada pessoa vê a formação que teve durante a graduação e como ela reverbera na trajetória profissional, compartilhando suas histórias. O processo acontece no interior do sujeito, sendo revelado por meio da linguagem e, posteriormente, é ordenado para que seja compreendido por outras pessoas.

Nesta investigação, houve reelaboração da proposta mencionada por Josso nas diferentes obras citadas. A ideia é de que a narrativa vem da trajetória pessoal, educativa, profissional e de outras aprendizagens que tenham contribuído para a formação. A escuta da narrativa e sua produção escrita foram realizadas pela pesquisadora, após um processo que incluiu o primeiro contato para explicar a pesquisa, seus procedimentos e falar do termo de consentimento livre e esclarecido; depois a entrevista em si, gravada em áudio; seguida da produção de cada narrativa; e, por fim, o envio desse texto para validação do participante.

PESQUISA DE CAMPO

A proposta do estudo foi compreender o processo de formação da pessoa a partir da entrada na graduação, baseada numa versão mais limitada da história de vida (BOGDAN; BIKLEN, 1994). A entrevista narrativa começou com uma pergunta geradora de lembranças sobre a escolha do curso, deixando o participante livre para falar sobre o que aconteceu um pouco antes, durante e depois da entrada na graduação.

A expectativa era de que tratasse do que tinha sido marcante, aprendizagens consideradas significativas, conhecimentos adquiridos, deficiências sentidas e métodos utilizados, selecionados como categorias de análise, pela inspiração nos eixos de investigação apresentados por Nóvoa (2010). Esses itens estavam relacionados aos interesses da pesquisa, portanto considerados tópicos exmanentes, aguardando os relatos imanentes a serem trazidos pelos entrevistados (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003), conforme foram surgindo durante a narração, para enriquecer o diálogo que se realizaria.

Para este artigo, são apresentados resultados parciais de pesquisa com 14 egressos de cursos de jornalismo, publicidade e propaganda e relações públicas, selecionados por conveniência, entre 2019 e 2020. Foi produzida a narrativa da história de cada egresso, num processo de reestoriar (CRESWELL, 2014), organizando a estrutura cronológica dos acontecimentos, sem qualquer indicação de nomes ou organizações, para preservar o anonimato.

O texto foi enviado aos participantes, pensando numa produção colaborativa, pois as considerações e devolutivas eram importantes para o fechamento do processo, além de um retorno

a eles. Também foi solicitado que escolhessem um pseudônimo para referência a cada narrativa. O perfil dos participantes, em ordem alfabética, é apresentado a seguir.

	ESTADO	IDADE	CURSO	IES	PERÍODO	CARGO
ANA SILVA	Amazonas	31	Comunicação Social - Relações Públicas	Pública	2006-2009	Coordenadora de Marketing
BRENDA COUTO	Distrito Federal	34	Comunicação Social - Jornalismo	Particular	2006-2009	Gerente de comunicação
CAROL	Bahia	27	Comunicação Social - Publicidade e Propaganda	Particular	2009-2013	Analista de marketing
CLARA	Rio Grande do Sul	25	Relações Públicas	Pública	2014-2018	Analista de comunicação interna
DÉBORA	Santa Catarina	26	Comunicação Social - Publicidade e Propaganda	Particular	2011-2014	Analista de marketing
ÍSIS ALVES	Goiás	29	Comunicação Social - Publicidade e Propaganda	Particular	2007-2012	Analista de inbound marketing
JULIETA	São Paulo	34	Comunicação Social - Relações Públicas	Particular	2004-2007	Líder de projetos digitais
JÚLIO	Paraná	26	Comunicação Social - Publicidade e Propaganda	Particular	2014-2017	Programador visual gráfico
LANA	Minas Gerais	29	Comunicação Social - Jornalismo	Pública	2008-2011	Produtora de jornalismo e repórter
LUÍSA	São Paulo	34	Comunicação Social - Relações Públicas	Pública	2003-2007	Assistente de comunicação e relações institucionais
NINA	Rio de Janeiro	30	Comunicação Social - Jornalismo	Particular	2008-2014	Coordenadora de comunicação
PRISCILA	São Paulo	24	Comunicação Social - Relações Públicas	Pública	2013-2018	Pesquisadora
SAMUEL	Amazonas	33	Comunicação Social - Jornalismo	Pública	2004-2013	Assessor de comunicação
TERTULIANO JABURU	Bahia	35	Comunicação Social - Jornalismo	Pública	2005-2009	Editor de textos

Essas narrativas foram transferidas ao software NVivo de análise qualitativa de dados assistida por computador para auxiliar no processo de codificação. Como indicado por Bardin (2016), a análise de conteúdo seguiu as fases de pré-análise, exploração do material e interpretação. Kelle (2003) ensina que a codificação busca relacionar trechos do texto a categorias já estabelecidas pelo pesquisador ou que serão desenvolvidas pelo contato com o material a ser analisado.

A análise de conteúdo começou pelo processo de codificação, realizado conforme as regras de transformação por recorte, agregação e enumeração dos dados brutos, em uma representação do texto em perspectiva qualitativa (BARDIN, 2016). Martino (2018) realça que se ultrapassa uma visão quantitativa da análise de conteúdo, sendo utilizada para compreender a narrativa, buscando desvendar as mensagens.

As narrativas produzidas pelas histórias de vida contadas levaram a inferências, pela presença das categorias gerais e específicas codificadas, sem a preocupação de uma generalização, mas de interpretação sobre o que foi compartilhado na história de vida. A inferência se fundamenta na presença de palavras, não necessariamente em sua frequência.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS

A reflexão em torno de escolher o curso foi o ponto de partida para ativar as lembranças anteriores à entrada na universidade, o período de permanência na instituição e as reverberações das vivências e aprendizagens até os dias atuais. A conversa inicial mostrou a afinidade com perspectivas sobre a área da comunicação como determinante na escolha, em especial pelas humanidades (como o gosto pela escrita e pela leitura), mas ainda envolta em dúvidas, por não se ter uma referência dentro ou fora da família, além do desconhecimento sobre o curso, como relataram Ana Silva, Clara e Julieta.

Alguns entrevistados comentaram ter procurado orientação vocacional profissional (Luísa e Priscila), outros pensavam em áreas diferentes, tanto as mais próximas, como letras (Tertuliano Jaburu) ou entre as possibilidades no próprio campo da comunicação (Brenda Couto), quanto mais distantes, como biológicas (Samuel) ou exatas (Débora). Julieta e Júlio até começaram outros cursos antes, ela de economia e ele de química.

Todos os participantes apontaram pontos positivos em relação ao período passado no curso e na IES. Entre os principais comentários estiveram o desenvolvimento de autonomia e uma mudança como pessoa, talvez fruto do momento de descobertas, como mencionado nas narrativas de Clara, Julieta, Nina, Priscila e Tertuliano Jaburu.

“De tudo o que eu aprendi, a profissional que sou se deve às oportunidades que eu tive na vida. Se não tivesse escolhido jornalismo, ido para a universidade, eu não seria a pessoa que sou hoje, profissionalmente falando. Aprendi e amadureci muito nesse caminho. Foi importante esse primeiro contato que tive com um novo mundo, entre sair de um colégio e ir para uma universidade. É um gap grande de responsabilidade, de começar a ter autonomia. Comecei a me definir como pessoa, como ser humano, consegui ter meu primeiro emprego, o estágio, fazer as minhas conexões um pouco mais profundas com pessoas fora do meu círculo”, emendou Nina.

As amigas nascidas na época também foram importantes para certos entrevistados, que criaram laços duradouros e que ainda estão conservados. Proporcionar a convivência com pessoas diferentes foi realçada. Clara e Priscila, por exemplo, disseram que antes da universidade o grupo ao seu redor era bem homogêneo.

Priscila comentou: *“senti principalmente que a minha forma de ser, como pessoa, mudou bastante durante o curso. Acredito que essa transição foi diferente para mim porque não lidava com outros tipos de pessoas, só com aquelas que estudaram comigo na escola, que acabaram tendo a mesma criação que a minha. A formação como sujeito, cidadã, a visão de mundo que desenvolvi foi outra se comparada a dos meus amigos de escola que estudaram em outras instituições de ensino superior. Tínhamos muitos debates no curso, que estimulavam que nos posicionássemos sobre diversas questões. [...] Na realidade da instituição em que estudei, tínhamos todos os tipos de pessoas. Então aprendi a lidar com elas, o que foi um grande aprendizado”*.

Nesse sentido, esteve presente nas falas uma característica marcante dos cursos: o incentivo constante aos trabalhos em grupo. Sempre tinham muitas atividades a realizar e essa exigência ajudou a conhecer melhor os colegas, como no caso de Débora, ou criar estratégias na escolha da equipe para realizar as tarefas, comentou Júlio.

APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

Ter construído uma base na área de estudo foi um tema recorrente nas narrativas, diversos entrevistados consideraram que tiveram uma formação integral, que contribuiu para serem quem são hoje, tanto que alguns chegaram à conclusão de que a parte técnica foi menos importante no curso. Apontaram o amadurecimento que conquistaram a partir da graduação e disseram que foi bastante válido como pessoa ter passado pela IES.

Luísa trouxe que: *“o que senti falta na formação mais técnica foi compensado pela capacidade de repertório [...]. Não aprendi a fazer evento na faculdade, mas quando eu fui à prática, soube materializar. Sei que o que aprendi me levou a isso, porque me deu expertise de como correr atrás desses instrumentais para fazer a coisa acontecer. De ter um miolo sólido”*.

Uma mudança de visão sobre o mundo ou sobre a área, ter conhecido diversas pessoas e entender que muitas vezes é preciso pedir ajuda a elas, abrirem-se para o diálogo, vencer dificuldades como a timidez ou falar em público fizeram parte das narrativas. Saber trabalhar em equipe e desenvolver visão analítica e crítica foram diferenciais que também valorizaram na formação.

Débora relatou: *“tivemos um projeto dentro de uma disciplina que foi bem legal e valia nota para várias matérias, como um projeto final. Pegamos um cliente real e elaboramos uma campanha com aprovação e tudo. [...] O professor separou os grupos e fez com que nós trabalhássemos como num ambiente corporativo, com pessoas com quem nunca trabalhamos. Ali descobrimos os dons de outros colegas, coisas em que eu nem imaginava que eles eram*

bons. Aprendi a trabalhar com outras pessoas, porque com quem você está acostumado, no seu grupinho, é muito diferente do que com aqueles que pensam diferente de você”.

Conforme Samuel, *“os próprios trabalhos em equipe no curso me ajudaram a ser menos individualista. Eu era aquele que pegava o trabalho para fazer sozinho. O período na universidade foi interessante justamente para aprender a lidar com isso, porque as pessoas já estão mais conscientes em relação a trabalhar em equipe. Na própria vida profissional, precisamos muito disso, de saber delegar. Agora como coordenador, tenho que saber incumbir”.*

Ao contar sobre o que aprenderam, vieram à mente conteúdos marcantes. Entre os destaques estiveram os relacionados ao projeto experimental e ao trabalho de conclusão do curso (TCC). Ainda listaram os temas de pesquisa, de análise de cenário, as dimensões da publicidade, os conceitos de massa e multidão, o entendimento sobre as mídias, o mix de comunicação, a noção de públicos, entre outros. Julieta comentou que quando trabalhou numa agência, atuando com redes sociais no relacionamento de marcas com influenciadores digitais, na época algo que ainda estava começando, aplicou vários conceitos de relações públicas aprendidos na graduação.

“Uma boa lembrança do TCC é que, como tínhamos que fazer um de cada área, precisávamos criar um produto. Um deles foi uma revista, que tinha que ser valendo. Fazer todo processo até a impressão. Foi algo bem bacana, porque tinha que colocar o projeto na prática. Eu gostei bastante e teve um resultado legal. Tive não só que pensar no provável, mas trazer para a realidade. Essa questão do incentivo da prática no curso fez muita diferença na minha profissão”, disse Nina.

Outras considerações foram: ter aprendido coisas novas, para Clara e Tertuliano Jaburu; e vivenciar a área acadêmica, pela condição de passar pelo ambiente universitário (Priscila), tendo oportunidade de fazer escolhas e experimentar tantas possibilidades (Lana). Para Julieta, uma constatação após a graduação foi de que o estudante também é responsável pela própria formação, pois nem tudo deve ser obrigação da IES.

No contexto do curso, os professores, as aulas e a matriz curricular foram considerados pontos fortes da formação. Nesses casos, a materialidade aconteceu nas disciplinas existentes. A compreensão da contribuição delas englobou diversas questões, como a abordagem escolhida pelo professor ou a preferência pelo tema. Julieta afirmou: *“como eu gostava de pesquisa, tive sete semestres de disciplinas sobre o tema, deu um grande embasamento. A instituição tem um histórico muito bom na área de comunicação”.*

Ao citarem disciplinas importantes para a formação, houve equilíbrio entre algumas consideradas mais teóricas e outras mais técnicas. No primeiro caso, foram mencionadas Teoria da Comunicação, Filosofia e Sociologia. No segundo caso, Fotografia, Rádio e Mídia. Na

sequência, também lembraram de: Agência, Planejamento, Ética, Metodologia, Projeto experimental, Religião, Semiótica e Televisão. Ana Silva explicou que é preciso *“uma base pautada na teoria para poder ir para a prática um pouco mais consciente. Por exemplo, as disciplinas de Ética e Sociologia, que possibilitam que nós realmente possamos ter uma base para sermos profissionais mais atuantes”*.

Julieta comentou que: *“entendo a universidade como desenvolvimento de pensamento crítico, principalmente eu que trabalho com tecnologia, com mídias sociais. Os alunos têm uma cobrança para aprender a mexer com o Facebook, mas ele muda toda a semana, não tem que ter só o conhecimento técnico. Desenvolver o pensamento crítico independe de ser o Facebook, o Instagram, o YouTube, porque você vai conseguir ter uma boa análise do que precisa fazer para o seu cliente ou para a empresa onde você trabalha”*.

Conforme Ísis Alves, *“fora as matérias mais da área profissional, tive Teologia que eu adorei ter cursado, foi igualmente incrível, pessoalmente falando, bem como Filosofia e Sociologia. Não considero que tive disciplinas dispensáveis. Mesmo estas que citei e talvez não façam tanta diferença no meu cotidiano de hoje, acho que devem fazer parte de qualquer curso superior. São extremamente importantes no aspecto de uma formação geral. O curso me trouxe todo um sentido, teoricamente falando, da importância da comunicação para o mundo mesmo”*.

Júlio contou que: *“para a minha formação, foi muito importante a disciplina Comunicação e Expressão, e uma que tratava de estudos da comunicação, com as ferramentas e formas de comunicação desde o princípio [...] até as novas tecnologias, como realidade virtual, realidade mista, realidade aumentada; coisas que estão sendo estudadas e em direção ao futuro, então ‘piramos’ no que pode ser que venha por aí. Esse conhecimento da evolução das mídias foi bem interessante para ter esse direcionamento de como elas se complementam no uso de hoje. Vejo que esse entendimento maior das mídias e dos meios de comunicação, de como funcionam realmente, foi algo que aprendi no curso. Penso, principalmente nessa época agora, tudo o que se vê de fake news, de movimentação virtual, eu acho que se eu não tivesse feito publicidade e propaganda eu não teria metade dessa noção. Metade ainda é pouco, eu não teria quase nenhuma noção de entender como esses movimentos acontecem. Como essa comunicação virtual afeta tanto o nosso dia a dia”*.

Samuel relatou que: *“gostava muito de estudar, então não cheguei a ter alguma disciplina que não considere adequada. Porém, as da área de humanas foram as mais importantes do curso para aprender as dinâmicas dos campos sociais. Vejo que as disciplinas técnicas se aprendem mais no dia a dia profissional, vêm para complementar, mas não chegaram a ser definidoras”*.

Tertuliano Jaburu considerou que: *“o meu curso me ajudou muito a pensar. Isso foi impagável. As disciplinas teóricas, de uma maneira geral, foram excelentes, bem como os professores. Foi tudo novo para mim, Semiótica, Estética, Teoria da Comunicação, Cibercultura. Tive sorte de ter professores extraordinários nessas disciplinas, alguns de referência na respectiva área. Percebi barreiras serem quebradas no meu cérebro. Aumentou bastante o meu senso crítico, ferramentas que me ajudaram a pensar em perspectivas diferentes, questões essenciais para um jornalista. A questão técnica, você acaba aprendendo muito pouco. Por isso falei que é meio contraditório, a parte técnica acho que de fato você aprende quando entra no mercado. Porém, já que a matéria existe, ela deveria funcionar melhor”*.

Entre os motivos considerados para contar quais disciplinas não contribuíram à formação estiveram o foco prioritariamente na teoria em detrimento da prática e o oposto, a falta de relacionar o assunto com a teoria. Para Carol, a teoria estava afastada do que se praticava no mundo do trabalho profissional, exemplificando sobre a falta dos softwares utilizados para fazer cálculos em mídia. *“Acho que seria válido a gente ter a inserção desse material, de saber calcular de maneira mais otimizada. Apesar de eu saber fazer sem o programa, no dia a dia é humanamente impossível. Se eu fosse ensinar, levaria mais essa prática, por que se bater por coisas que o mercado já resolveu? Na universidade, às vezes, é muita teoria, algo que não se pratica mais [...] por isso eu colocaria como uma obrigatoriedade dentro de todas as matérias do curso terem aulas mais práticas, com mais integração da teoria com a prática. Não é para deixar de existir, mas para ajudar a pessoa a chegar no mercado sem essas dificuldades que eu tive”*.

Lana comentou que: *“vi pessoas que faziam jornalismo em outros lugares ficarem presos somente à teoria e jornalismo é muito prático. É importante ter oportunidade de fazer as coisas, não só ficar vendo. Tive bastante isso lá no curso. Tinha a teoria e a prática, era uma relação das duas. Levei isso para a minha vida, de aplicar o que aprendi. Agora, no meu trabalho, por exemplo, eu faço produção, reportagem, já atuei na parte de edição. Cheguei com facilidade para trabalhar, por conta das habilidades que o curso me trouxe, como escrever textos, pensar fora da caixa. [...] Talvez se não fossem esses quatro anos, eu seria mais limitada, teria um pouco mais de medo e quem sabe seria menos ousada”*.

PROFESSORES E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para os egressos, os professores tiveram destaque durante a formação. Vários comentaram que foram marcantes em suas trajetórias, enfatizando a dedicação em ajudar os estudantes. Lembraram daqueles que recomendaram para um trabalho após o término do curso, pelo relato de Luísa. Além de indicar caminhos possíveis, como para Nina e Priscila.

“O que eu ressaltaria de importante foi para além do conhecimento que a universidade me ensinou. Os professores eram grandes aliados, ajudavam bastante quando enxergavam em você um interesse pelas coisas. Tanto que [o] primeiro estágio fora da instituição foi com essa indicação e me ajudou muito. Até hoje tenho contato com alguns professores, estão nas minhas redes e sempre que eu preciso de algo, aciono eles”, contou Nina.

Os professores de Ana Silva receberam muitos elogios, vistos como sempre preocupados em se atualizar e sendo considerados em sua narrativa como visionários: *“os professores que tive me marcaram muito. Eram muito bons, pessoas que [...] na minha época já falavam sobre coisas que acontecem agora. Eram muito visionários. Apesar de não ter disciplinas específicas que acompanhassem a evolução das mídias e das formas de comunicação, [...] já tratavam sobre rede social, isso há mais de dez anos, de muitas novidades que se precisa dominar atualmente”.*

Débora gostava daqueles que a desafiavam no processo ensino–aprendizagem e revelou que isso ajudava a surpreendê-los quando apresentava as atividades solicitadas. Ainda comentou que: *“gostava de quando os professores estimulavam discussões entre os alunos, era bem bacana. Cada aluno tinha uma opinião a respeito de cada assunto, quando tinha debate em sala parecia um ambiente de guerra. A gente era bastante participativo e assim dava para enxergar as coisas da maneira que um colega pensava, algo que você nem tinha imaginado e agregava no dia a dia, mudando algum pensamento”.*

Diversos comentários explicitaram características visíveis em sala de aula, em especial pelas práticas pedagógicas adotadas, desde as mais tradicionais, como incentivar leitura e estimular discussões, ao realce em propor atividades diferenciadas, em que a escolha do método ajudou na aprendizagem.

Julietta ainda lembra de uma paródia criada, que partiu de um professor que trabalhava com dramatização: *“o meu grupo fez um musical para apresentar conceitos de relações públicas. Cada um tinha a liberdade para se expressar, para demonstrar os conhecimentos na área. Lembro de alguns conceitos hoje por causa da música que criamos, ficou bem enraizado. Fizemos uma paródia inspirados em técnicas de professores de cursinho. Até sei a música ainda”.*

Seguindo proposta semelhante, a música “A banda”, do Chico Buarque, foi significativa para Ana Silva na aula que tratou sobre massa e multidão: *“Foi uma aula diferente, que significou muito para mim”.* Ela destacou que escolheu seu tema para o TCC inspirada nessa experiência e abordou outras formas de ensinar com jovens universitários, principalmente na vertente cultural.

Sobre a exibição de filmes, Júlio contou: *“Gostava bastante dessa área de produção sonora. O professor passou um filme que era extremamente detalhado nessa parte de edição*

de som, coisas como passos e uso de objetos. Ele aplicou esse recurso para nós aprendermos sobre os sons fundamentais e coisas diferentes, uma noção que eu não teria se não tivesse visto aquele filme”.

Outro comentário dele foi em relação à interdisciplinaridade, decorrente de um projeto integrador que acontecia todo fim de ano. Júlio achava interessante a proposta, porque mostrava como cada disciplina podia contribuir em prol da atividade solicitada: *“achava a integração das disciplinas interessante, conseguiram fazer de uma forma que funcionava, mostrando a contribuição de cada matéria, mas era cansativo. Os projetos integradores tínhamos em dois bimestres, primeiro desenvolvíamos a ideia e depois a execução. Era uma avaliação processual interessante, porque nós conseguíamos arrumar o que era necessário, corrigir o que ainda não sabíamos ou não percebíamos, de forma didática, ao invés de fazer tudo de uma vez, errar e perder nota por causa disso”.*

Ao citar quem utilizava vários métodos, Carol disse que assim os professores ajudavam na aprendizagem. Júlio comentou sobre deixar a “zona de conforto” de fazer o que se sabe para algo desconhecido na disciplina de Agência: *“O professor separava em grupos, estilo miniagências, e dava cases para apresentarmos soluções ou para analisarmos, trabalhando diversos aspectos, desde a apresentação, criatividade, fala, tempo. Era bastante rigoroso. Realmente nos envolvíamos no trabalho, pegávamos alguns estudos de caso bem grandes para poder ter com o que trabalhar. [...] Eu acho que esses métodos ativos ajudaram cada um a ter uma noção diferente do que se cada um fizesse o seu, apresentasse o seu capítulo e fim”.*

O estímulo de realizar trabalhos externos com entidade filantrópica ficou marcado para Ana Silva, o que para ela foi uma forma de deixar um legado, fora a valorização em unir teoria e prática. A relação com a futura atividade profissional era indispensável para Clara, que adorava quando havia palestras com profissionais atuantes na área, uma forma de diálogo entre academia e mundo do trabalho.

As atividades práticas estiveram entre os métodos mais comentados pelos participantes, que lembraram de projetos com instituições externas, para clientes verdadeiros, de colocar a “mão na massa”, como pontuou Lana. De acordo com Carol: *“Os professores tinham ótimas propostas para aprendizagem, incentivavam muito a leitura, debates, levavam estudo de caso, simulação, estimulavam trabalhos interdisciplinares e motivavam a gente a sair da universidade. Em atividades relacionadas às disciplinas, por exemplo, tivemos uma ação num asilo para realizar um trabalho de um professor. Também ficamos uma semana imersos em visita a uma gráfica, para entender seus processos. Participamos até de uma*

premiação de uma rede de televisão voltada ao estudante de publicidade e propaganda. [...] Lembro muito disso, do quanto que eu pude fazer ainda como estudante”.

Foram citados ainda os seminários, com valorização da importância deles na formação, como expõe Luísa: *“na época, você não entende porque faz tanto seminário, mas depois, conversando com o seu chefe, para apresentar um projeto em público, vê que quanto mais apresentações fizer, melhor será a sua habilidade de apresentar um projeto dentro do ambiente de trabalho. Ou seja, o quanto a graduação pode desenvolver no estudante novas competências. O que nem sempre fica claro durante a graduação”.*

Com essas ponderações, em certos casos, essas práticas foram consideradas positivas e em outros negativas, avaliando que alguns professores não eram tão bons, ou por terem dificuldade de explorar melhor os conteúdos, o que prejudicava a aprendizagem, ou por optarem por métodos entendidos como obsoletos. Clara avaliou os métodos vivenciados por ela como muito tradicionais, basicamente aula expositiva e prova escrita, considerado um método retrógrado por Nina.

Já ao tratarem de atividades formativas, a mais destacada foi o estágio, seguida da participação em eventos. Ainda mencionaram participação em projetos, realização de disciplinas em outros cursos, voluntariado, extensão, esporte representando a IES, atuação em agência experimental e em iniciação científica.

Priscila narrou que: *“[...] participar da iniciação científica acabou me mostrando outras possibilidades, como a de decidir que ia querer trabalhar com pesquisa profissionalmente. [...] Esse interesse foi despertado durante o curso, não pensava em trabalhar com isso antes, mas depois nem quis procurar estágio em outra área que não fosse de pesquisa. Acredito que essa determinação foi impulsionada por todos os que me acompanharam ao longo da iniciação científica e me apresentaram esse mundo. Devo o aprendizado sobre pesquisa e estatística a eles”.*

Nos comentários sobre atividades formativas, ficou realçada a contribuição que trazem na relação da teoria com a prática, acrescentando muito à formação do estudante. Estiveram em relevo participações em ações de extensão (Samuel), em projeto de rádio institucional (Júlio e Tertuliano Jaburu), projeto de professor (Lana), em grupo de pesquisa (Tertuliano Jaburu) e na apresentação de trabalho em evento (Julieta e Priscila).

“Fora as experiências profissionais adquiridas nos estágios, [...] tive a oportunidade de participar de algumas atividades extracurriculares, como da agência experimental e do PET (Programa de Educação Tutorial), o que acrescentou bastante na minha formação. Uma das melhores experiências vieram do meu envolvimento com o PET de Comunicação Social, que era

um programa de extensão no curso, com cerca de 20 pessoas. Comecei a fazer parte a partir do segundo ano, como voluntário. Por ser do PET, ainda estava sempre envolvido nos eventos da universidade. Tivemos o Intercom na minha época e eu participei de várias decisões sobre o congresso, além dos demais eventos realizados pela própria universidade”, comentou Samuel.

Uma das experiências de Tertuliano Jaburu foi na rádio da instituição: *“funcionava como rádio poste, tinha uma frequência que só pegava nas redondezas. Tinha com meus amigos um programa semanal na rádio. Não recebíamos bolsa por isso, mas contabilizava horas de extensão”*. Entre essas participações listadas, diversas podem figurar como atividades complementares para integralização dos cursos, como indicam as diretrizes curriculares na composição dos projetos pedagógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o método história de vida e formação, foi possível entender o que permaneceu na memória sobre o período da graduação e contribuiu ao processo formativo de egressos da área da comunicação. O balanço realizado pelos entrevistados resultou numa visão positiva sobre a formação, que trouxe tanto satisfação pessoal quanto profissional.

Escutar profissionais que passaram por cursos superiores trouxe a compreensão sobre a graduação fornecer uma base para atuar na área da comunicação, pelos aprendizados identificados nessa etapa de formação. O percurso educativo mostrou a integração de uma formação geral com a mais específica (profissional).

Entre os achados, percebe-se também que a formação deve ir além de técnicas e ferramentas que em curto prazo ficam obsoletas, em direção a aspectos mais amplos, de uma formação que ajude a pensar, analisar e conviver com as pessoas. Uma formação plural que seja crítico-reflexiva, valorize diferentes saberes, a compreensão do mundo e do outro

A diversidade vivenciada no ambiente acadêmico foi importante pela interação social, efetivada na realização dos trabalhos em grupo e no diálogo com colegas e professores. São encontros com potencial de serem formativos durante o tempo em que se está na graduação, pela possibilidade da convivência, de várias opiniões e pessoas de origens diversas, ao contrário do que muitas vezes os participantes estavam acostumados.

Por fim, as narrativas mostraram a importância da teoria na relação com a vivência de saberes na prática, pela integração de conhecimentos e experiências de aprendizagem, em espaços e tempos diversos, como nas práticas pedagógicas propostas pelos professores e na realização de atividades formativas, por meio de estágios, eventos, projetos de pesquisa e de extensão.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 31-57.
- JOSSO, M. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- JOSSO, M. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- JOSSO, M. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, E.; ABRAHÃO, M. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 21-40.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 90-113.
- KELLE, U. Análise com auxílio de computador: codificação e indexação. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 393-415.
- MACHADO, N. J. **Educação: autoridade, competência e qualidade**. São Paulo: Escrituras, 2016.
- MANCIBO, D.; VALE, A.; MARTINS, T. Políticas de expansão da educação superior no Brasil 1995-2010. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 60, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n60/1413-2478-rbedu-20-60-0031.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- MARTINEZ, M. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da comunicação. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, p. 75-90, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ci.vol16n30.2622>. Acesso em: 1 set. 2019.
- MARTINO, L. M. S. De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. **Parágrafo**, v. 4, n. 1, p. 40-49, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/3anXn6s>. Acesso em: 1 set. 2019.
- MARTINO, L. M. S. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida do Projeto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 155-187.
- RIBEIRO, M. A. **Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado**. Curitiba: Juruá, 2014.